



UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
COSEAC - COORDENAÇÃO DE SELEÇÃO ACADÊMICA
PMM - PREFEITURA MUNICIPAL DE MARICÁ
CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS DA
PREFEITURA MUNICIPAL DE MARICÁ
EDITAL Nº 1/2018



Leia atentamente todas as informações da Capa do Caderno de Questões antes de começar a Prova.

TIPO DE PROVA

Y

De acordo com o subitem 7.15.13 do Edital, cabe ao candidato conferir se a letra do **TIPO DE PROVA** constante em seu Cartão de Respostas corresponde a letra do **TIPO DE PROVA** desse Caderno de Questões recebido. Caso haja qualquer divergência, o candidato deverá, imediatamente, informar ao Fiscal de Sala e solicitar a substituição do Caderno de Questões. O Cartão de Respostas será corrigido de acordo com o gabarito do **TIPO DE PROVA** constante no seu Cartão de Respostas.

Cargo: **DOCENTE I – LÍNGUA PORTUGUESA**

NÍVEL:
SUPERIOR I

CADERNO DE QUESTÕES

Instruções ao candidato

(Parte integrante do Edital – subitem 13.2)

- Ao receber este **Caderno de Questões**, confira se o cargo indicado é aquele para o qual você está concorrendo, se não for notifique imediatamente ao Fiscal. Você será responsável pelas consequências se fizer a Prova para um cargo diferente daquele a que concorre.
- Além deste **Caderno de Questões**, você deverá ter recebido o **Cartão de Respostas** e a **Folha da Prova Dissertativa**.
- Verifique se constam deste Caderno, de forma legível, **50 questões objetivas**, a proposta da **Prova Dissertativa** e espaços para rascunho. Caso contrário, notifique imediatamente ao Fiscal.
- Confira seus dados com os que aparecem no **Cartão de Respostas** e na **Folha da Prova Dissertativa**. Se eles estiverem corretos, assine o **Cartão de Respostas** e leia atentamente as instruções para seu preenchimento. Caso contrário, notifique imediatamente ao Fiscal.
- Em hipótese alguma haverá substituição do **Caderno de Questões**, do **Cartão de Respostas** ou da **Folha da Prova Dissertativa** se você cometer erros ou rasuras durante a prova.
- Sob pena de eliminação do concurso, não é permitido fazer uso de instrumentos auxiliares para cálculos ou desenhos, ou portar qualquer material que sirva de consulta ou comunicação. Da mesma forma, não é permitido fazer registros na **Folha da Prova Dissertativa** que possibilite a identificação do candidato.
- A **Folha da Prova Dissertativa** será desidentificada pelo Fiscal na sua presença.
- Cada questão objetiva apresenta cinco opções de respostas, sendo apenas uma delas a correta. No **Cartão de Respostas**, para cada questão, assinale apenas uma opção, pois será atribuída pontuação zero à questão da Prova que contiver mais de uma ou nenhuma opção assinalada, emenda ou rasura.
- O tempo disponível para você fazer esta Prova (Prova Objetiva e Prova Dissertativa), incluindo o preenchimento do **Cartão de Respostas**, é de quatro horas e trinta minutos.
- Colabore com o Fiscal, na coleta da impressão digital.
- Use somente caneta esferográfica de corpo transparente e de ponta média com tinta azul ou preta para preencher o **Cartão de Respostas** e fazer a **Prova Dissertativa**. Não é permitido uso de lápis mesmo que para rascunho.
- Terminando a prova, entregue ao Fiscal o **Cartão de Respostas** assinado e a **Folha da Prova Dissertativa**. A não entrega desse material implicará a sua eliminação no Concurso.
- Somente será permitido na última hora que antecede ao término da Prova levar o **Caderno de Questões**.

Após o aviso para o início da prova, você deverá permanecer no local de realização da mesma por, no mínimo, noventa minutos.

TÓPICO: Literatura Brasileira

Texto 1

Só a antropofagia nos une. Socialmente.
Economicamente. Filosoficamente.

Única lei do mundo. Expressão mascarada de
todos os individualismos, de todos os coletivismos. De
todas as religiões. De todos os tratados de paz.

Tupi, or not tupi that is the question.

Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos
Gracos.

Só me interessa o que não é meu. Lei do homem.
Lei do antropófago.

(ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago. In: *O rei da vela; Manifesto pau-brasil; Manifesto antropófago*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p.19)

Texto 2

américa amem

américa amem
me ensinou a ser assim
antropofágico pagão
um fauno de calça lee

américa amem
palavras
palas
palavreados

américa amem
woody woody
voo doo
feijão & arrote

américa amem
nosso desespero
nossa paixão
imensa

(Chacal. América (1975). In: *Tudo (e mais um pouco): poesia reunida* (1971-2016). São Paulo: Editora 34, 2016. p. 301.)

01 O Manifesto Antropófago, publicado em 1928 e escrito por Oswald de Andrade, tornou-se uma das referências fundamentais do modernismo brasileiro. A leitura do fragmento do manifesto (texto 1) esclarece que a antropofagia constituiu uma proposta de:

- (A) acentuação das diferenças linguísticas.
- (B) assimilação da contribuição estrangeira.
- (C) defesa da igualdade entre os indivíduos.
- (D) recusa das regras socialmente impostas.
- (E) união de todos os setores da vida humana.

02 Na década de 1970, observou-se, no Brasil, uma ampla produção de poesia que ficou conhecida como marginal. No poema “América” (texto 2), a autodeclaração do eu poético como “antropofágico” faz

referência ao Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade (texto 1), porém a perspectiva apresentada por Chacal diferencia-se por:

- (A) estimular a comercialização e o consumo de produtos culturais industrializados.
- (B) escolher a ironia como recurso para elaboração da revisão crítica da tradição.
- (C) assinalar a ambiguidade entre submissão e adesão apaixonada aos modelos.
- (D) fazer a distinção entre os produtos da cultura de massa e os da alta cultura.
- (E) restabelecer o passado da antiguidade clássica como modelo linguístico e cultural.

Texto 3

O EXERCÍCIO DA CRÔNICA

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

(MORAES, Vinícius de. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 17.)

03 A prática da crônica está intimamente associada à vida diária e comum. A relação do texto de Vinícius de Moraes (texto 3) com as marcas próprias do gênero está expressa na preocupação em:

- (A) refletir sobre a produção literária brasileira.
- (B) discutir problemas inventados pelo cronista.
- (C) empregar figuras de linguagem diversificadas.
- (D) abordar a rotina de trabalho do cronista.
- (E) reforçar a objetividade do texto em prosa.

Texto 4

POESIA

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieta, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 45.)

04 Alguns procedimentos tornaram-se determinantes na produção moderna de poesia. Nesse sentido, entende-se que a modernidade do poema de Carlos Drummond de Andrade (texto 4) deve-se à valorização da:

- (A) autorreflexão.
- (B) beleza.
- (C) idealização.
- (D) impessoalidade.
- (E) oralidade.

Texto 5

A PATA DA GAZELA

Houve uma ocasião em que o mancebo quis representar em sua lembrança a imagem da moça; naturalmente começou interrogando sua memória a respeito dos traços principais. Como era ela? Alta ou baixa, torneada ou esbelta, loura ou morena? Que cor tinham seus olhos?

A nenhuma dessas interrogações satisfiz a memória; porque não recebera a impressão particular de cada um dos traços da moça. Não obstante, a aparição encantadora ressurgia dentro de sua alma; ele a revia tal como se desenhara a seus olhos algumas horas antes. [...]

— Quem sabe? Talvez não seja ela o que nos bailes se chama uma moça bonita; talvez não tenha as feições lindas e o talhe elegante. Mas eu a amo!... O amor é sol do coração; imprime-lhe o brilho e o matiz! Vênus, a deusa da formosura, surgindo da espuma das ondas, não é outra cousa senão o mito da mulher amada, surgindo d'entre as puras ilusões do coração! O que eu admiro nela, o que me enleva, é sua beleza celeste; é o anjo que transparece através do invólucro terrestre; é a alma pura e imaculada que se derrama de seus lábios em sorrisos, e a envolve como a cintilação de uma estrela.

(ALENCAR, José de. *A pata da gazela*. Rio de Janeiro: Garnier, 1870. p. 33-35.)

Texto 6

O ALIENISTA

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

— A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isso, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de

semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas, — únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

(ASSIS, Machado de. *O alienista*. In: *Obras Completas*. Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 253-254.)

05 As personagens masculinas dos textos 5 e 6, o mancebo e o cientista, respectivamente, não consideram importante a beleza das mulheres com quem estão envolvidos; diferem, porém, quanto aos parâmetros que julgam relevantes. As diferenças de ponto de vista revelam:

- (A) o idealismo da apreciação do mancebo e o materialismo da abordagem do cientista.
- (B) o impressionismo da apreciação do mancebo e o expressionismo da abordagem do cientista.
- (C) o objetivismo da apreciação do mancebo e o naturalismo da abordagem do cientista.
- (D) o realismo da apreciação do mancebo e o sensorialismo da abordagem do cientista.
- (E) o romantismo da apreciação do mancebo e o surrealismo da abordagem do cientista.

06 O narrador na obra de Machado de Assis, com frequência, desestabiliza convicções e lança dúvida sobre informações e considerações apresentadas na própria narrativa, como no texto 6 se encontra expresso no emprego:

- (A) da construção “estava assim apta para dar-lhe filhos robustos”, pois revela a opinião do narrador sobre a personagem em questão.
- (B) das expressões “certo médico” e “filho da nobreza”, pois geram contradição na composição da personagem de Simão Bacamarte.
- (C) do discurso direto em “A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único”, pois coloca em evidência o que pensa a personagem.
- (D) do verbo “dizem” e da expressão “tempos remotos”, pois conferem imprecisão às referências utilizadas para narrar a história.
- (E) dos topônimos “Coimbra”, “Pádua” e “Itaguaí”, pois o acúmulo de menções geográficas leva à indefinição do espaço narrativo.

INSONE

Noite feia. Estou só. Do meu leito no abrigo
cai a luz amarela e doentia do luar;
tediosa os olhos fecho, a ver, se, assim, consigo,
por momentos sequer, o sono conciliar.

Da janela transpondo o entreaberto postigo
entra um perfume humano impelido pelo ar...
“és tu meu casto Amor? és tu meu doce amigo,
que a minha solidão vens agora povoar?”

A insônia me alucina, ando num passo incerto:
“és tu que vens... és tu! – reconheço esse odor...”
corro à porta, escancaro-a: acho a treva e o Deserto.

E este aroma que é teu, aspirando, suponho
que a essência da tua alma, ó meu divino Amor!
para mim se exalou no transporte de um sonho.

(MACHADO, Gilka. *Poesia completa*. Prefácio de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: V. de Mendonça Livros, 2017. p. 128.)

07 O soneto de Gilka Machado apresenta elementos típicos da poesia simbolista, dentre os quais destaca-se a exploração:

- (A) da ambiguidade das emoções, como se observa em “corro à porta, escancaro-a: acho a treva e o Deserto”.
- (B) da desumanidade dos indivíduos, como se observa em “cai a luz amarela e doentia do luar”.
- (C) do individualismo dos homens, como se observa em “que a minha solidão vens agora povoar?”.
- (D) do embotamento dos sentidos, como se observa em “tediosa os olhos fecho, a ver, se, assim, consigo”.
- (E) da sonoridade das palavras, como se observa em “A insônia me alucina, ando num passo incerto”.

08 O tema da noite e do sonho, explorado no poema de Gilka Machado (texto 7), também foi importante em outro movimento literário, conhecido como:

- (A) Arcadismo.
- (B) Modernismo.
- (C) Parnasianismo.
- (D) Realismo.
- (E) Romantismo.

PONCIÁ VICÊNCIO

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava da sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique em que viviam. E esta era a condição de muitos. Molambos cobriam o corpo das crianças, que até bem grandinhos andavam nuas. As meninas não. Assim que cresciam um pouco, as mães providenciavam panos para tapar-lhes o sexo e os seios. Crescera na pobreza. Os pais, os avós e os bisavós sempre trabalhando na terra dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu.

(EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 70.)

09 A escritora contemporânea brasileira Conceição Evaristo vem sendo reconhecida por sua atuação a favor da causa das mulheres e negros no Brasil. Sua prosa convoca, muitas vezes, o autobiográfico, promovendo entrelaces entre o trabalho de criação e a vida da autora. No contexto atual da literatura brasileira, o texto 8 exemplifica:

- (A) a experimentação vanguardista para renovação da linguagem literária.
- (B) a perspectiva determinista da ficção realista do século XIX.
- (C) o tratamento de questões sociais por meio de experiências subjetivas.
- (D) o êxodo rural segundo o modelo do romance social de 1930.
- (E) o monólogo interior como forma de desconstrução da narrativa.

10 A relação entre carência e abundância é problematizada no texto 8 por meio:

- (A) da antítese em “ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse”.
- (B) do paradoxo em “com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança”.
- (C) da metáfora em “havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu”.
- (D) da metonímia em “Molambos cobriam o corpo das crianças, que até bem grandinhos andavam nuas”.
- (E) do hipérbato em “Lembrava da sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição”.

TÓPICO: Raciocínio Lógico e Noções de Informática

11 A quantidade de siglas com **quatro** letras distintas, formadas a partir das letras do conjunto {A, B, C, D, E, F}, é igual a:

- (A) 360.
- (B) 720.
- (C) 1200.
- (D) 1296.
- (E) 1340.

12 O próximo número que completaria a sequência lógica 1, 4, 3, 16, 5, ..., é:

- (A) 7.
- (B) 25.
- (C) 36.
- (D) 49.
- (E) 81.

13 Em um grupo estão reunidas 13 pessoas. Das afirmações abaixo, a única necessariamente verdadeira é:

- (A) pelo menos duas delas fazem aniversário no mesmo mês.
- (B) pelo menos duas delas são do sexo feminino.
- (C) pelo menos uma delas é estrangeira.
- (D) pelo menos uma delas mede mais do que 1,60 m.
- (E) pelo menos uma delas nasceu em março.

14 A negação lógica da afirmação condicional “se Ana adoecer, então Pedro fica triste” é:

- (A) se Pedro fica triste, Ana adoecer.
- (B) se Ana não adoecer, Pedro não fica triste.
- (C) se Ana adoecer, então Pedro não fica triste.
- (D) Ana adoecer ou Pedro não fica triste.
- (E) Ana adoecer e Pedro não fica triste.

15 Um grupo de 500 estudantes participa de uma pesquisa. Sabe-se que desses estudantes, 200 estudam Física, 240 estudam Matemática, 80 estudam Matemática e Física. Se um desses estudantes for sorteado, a probabilidade de que ele não estude Matemática e nem Física é:

- (A) 14%.
- (B) 28%.
- (C) 36%.
- (D) 45%.
- (E) 50%.

16 Avalie se são verdadeiras (V) ou falsas (F) as afirmativas a seguir sobre o sistema operacional Windows 7.

- I Para acessar pastas compartilhadas as pessoas devem ter uma conta de usuário e uma senha.
- II O sistema operacional não possui um assistente para configuração de rede sem fio.
- III A conexão com a internet e o concentrador de rede são elementos opcionais de hardware para funcionamento de uma rede ponto a ponto.

As afirmativas I, II e III são, respectivamente:

- (A) F, F e V.
- (B) F, V e V.
- (C) V, F e F.
- (D) V, F e V.
- (E) V, V e V.

17 Suponha que você digitou COR??.* na caixa “pesquisar” do Windows 7. Um possível resultado da localização de arquivos será:

- (A) CO*.gif.
- (B) CONTEnte.wmf
- (C) COR?? bmp
- (D) COR?BRANCO.txt.
- (E) CORAL.doc.

18 Na segurança da Informação existe um tipo de ataque em que iscas como “mensagens não solicitadas” são utilizadas para capturar senhas e dados de usuários na Internet. Esse ataque é conhecido como:

- (A) cookies.
- (B) engenharia social.
- (C) hijacking.
- (D) phishing.
- (E) spoofing.

19 Considere a seguinte planilha no MS Excel 2016:

Espaço reservado para rascunho

	A	B	C	D	E	F
1				3	5	
2				20	12	
3				2	6	
4				4	1	
5				=D1-E2+D2		
6						

Na planilha supracitada, as células D1, D2, D3, D4, E1, E2, E3 e E4 possuem, respectivamente, os seguintes valores: 3, 20, 2, 4, 5, 12, 6 e 1. Ao se executar na célula E5 a fórmula $=D1-E2+D2$, o MS Excel retornará:

- (A) 0.
- (B) 1.
- (C) 11.
- (D) 32.
- (E) -29.

20 No MS Word 2016, o recurso para fazer a contagem de parágrafos em um texto digitado é:

- (A) contagem de palavras.
- (B) estrutura de tópicos.
- (C) ortografia e gramática.
- (D) pincel de formatação.
- (E) referência cruzada.

TÓPICO: Conhecimentos Específicos

Após a leitura dos textos, responda às questões que se seguem:

Texto 1

O estudioso russo Mikhail Bakhtin afirma que não existe atividade mental sem expressão linguística e que devemos “*eliminar de saída o princípio de uma distinção qualitativa entre o conteúdo interior e a expressão exterior*”. No meio escolar, é muito comum o aluno afirmar que sabe determinado assunto, mas que não sabe expressar, não sabe falar sobre ele.

Bakhtin, como precursor da linguística moderna, enfatiza o caráter social da linguagem e, conseqüentemente, o seu caráter dialógico: “*a palavra dirige-se a um interlocutor*”. E é a presença desse interlocutor que definirá o seu perfil, ou seja, em função do ouvinte, ela será mais formal ou mais coloquial, mais cuidada ou mais solta. A presença do interlocutor é também o **elemento desafiante**, que vai provocar o sujeito para que ele organize sua expressão verbal. Assim, Bakhtin conclui que “*não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação*”.

Diante de uma afirmação como essa, vemos o quanto é importante e mesmo determinante, no desenvolvimento da criança e do jovem, a interação professor/alunos e alunos/alunos no cotidiano escolar. E vemos o quanto é essencial que o professor estimule o exercício da verbalização entre eles, o quanto é necessário que eles aprendam a se colocar como ouvintes dos colegas e a disciplinar o acesso à fala, permitindo que todos tenham o **direito à sua própria palavra**. Essa é a condição mesma do desenvolvimento cognitivo de todos e condição para o desenvolvimento e o domínio da linguagem.

É ainda Bakhtin quem esclarece melhor, mostrando o quanto é importante o interlocutor em todo processo de enunciação: “*Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim, numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.*”

O papel representado pelo grupo social com que se convive e que nos serve de interlocutor é da maior importância, diante do que Bakhtin nos expõe. Penso que, para nós, professores que atuamos na escola pública brasileira, interagindo com crianças e jovens provenientes dos meios sociais dos mais desfavorecidos, atentar para essa questão da linguagem é um imperativo básico. Só assim, com um olhar munido de uma compreensão maior, podemos melhor cumprir a tarefa que o nosso tempo histórico

nos coloca. A escola constitui, para muitas dessas crianças e jovens, um dos poucos, talvez o único interlocutor em condições de interagir com eles e contribuir para a evolução de sua linguagem. E é bom lembrar, mais uma vez: seu desenvolvimento cognitivo depende do desenvolvimento de sua linguagem. Gostaria de lembrar que, diante de um livro ou de um texto, no ato de leitura somos desafiados por este interlocutor que nos fala através da palavra impressa. Ao ler, nós organizamos um discurso interno ao sermos provocados pelo discurso lido, nos lembramos de leituras ou experiências anteriores, relacionamos com outros textos que tratam do mesmo assunto. Mesmo quando não comentamos o texto com alguém, mesmo quando não escrevemos uma crítica ou resenha sobre ele, nós temos uma participação ativa na interação com a linguagem e com o sentido do texto. Essa é também uma forma de diálogo, e das mais enriquecedoras.

(MARIA, Luzia de. *Amor literário: dez instigantes roteiros para você viajar pela cultura letrada*. Rio: Ler & Cultivar editora, 2016, p. 250-1.)

21 Em relação a crianças e jovens no cotidiano dos estudos da linguagem, o texto está orientado no sentido de persuadir o leitor a concluir que:

- (A) a atuação do professor como locutor incontestado é necessária, mormente na escola pública.
- (B) a interação dialógica, em sentido amplo, é fundamental em sua formação social e linguística.
- (C) em aula, o diálogo com o professor e colegas é mais importante que a leitura de textos e livros.
- (D) para que todos tenham direito à própria palavra, é preciso restabelecer a disciplina em classe.
- (E) precisam todos, como exercício de verbalização, antes de tudo aprender a ouvir em silêncio.

22 Para sustentar sua proposição, vale-se a autora de diversas estratégias ao longo do texto, COM EXCEÇÃO apenas da seguinte:

- (A) apoiar-se em fato ou fatos da realidade social.
- (B) conquistar a adesão do leitor, alinhando-se a ele.
- (C) expor as ideias com consistência de raciocínio.
- (D) ilustrar opinião com exemplo de ordem literária.
- (E) recorrer a argumento de autoridade.

23 A assertiva marcada linguisticamente no texto para ser entendida pelo leitor como uma **possibilidade** é:

- (A) A presença do interlocutor é também o **elemento desafiante**, que vai provocar o sujeito para que ele organize sua expressão verbal. (§ 2)

- (B) E é bom lembrar, mais uma vez: seu desenvolvimento cognitivo depende do desenvolvimento de sua linguagem. (§ 5)
- (C) Essa é a condição mesma do desenvolvimento cognitivo de todos e condição para o desenvolvimento e o domínio da linguagem. (§ 3)
- (D) O papel representado pelo grupo social com que se convive e que nos serve de interlocutor é da maior importância, diante do que Bakhtin nos expõe. (§ 5)
- (E) Só assim, com um olhar munido de uma compreensão maior, podemos melhor cumprir a tarefa que o nosso tempo histórico nos coloca. (§ 5)

24 Em *Comunicação em prosa moderna* (14 ed. Rio: FGV, 1988, p. X), pretende Othon M. Garcia “dar aos jovens uma orientação capaz de levá-los a pensar com clareza e objetividade para terem o que dizer e poderem expressar-se com eficácia”. Daí o subtítulo de seu livro: “aprenda a escrever, aprendendo a pensar”. Quanto ao ponto de vista expresso por esse mestre, eis a posição de Mikhail Bakhtin:

- (A) discorda inteiramente.
- (B) concorda inteiramente.
- (C) concorda, com restrições.
- (D) discorda por não ser clara.
- (E) discorda, mas faz concessões.

25 Dentre os pronomes em destaque, aquele que, no parágrafo 5, faz referência exofórica é:

- (A) a tarefa que o NOSSO tempo histórico nos coloca.
- (B) atentar para ESSA questão da linguagem.
- (C) contribuir para evolução de SUA linguagem.
- (D) em condições de interagir com ELES.
- (E) representado pelo grupo social com QUE se convive.

26 Altera-se fundamentalmente o sentido de: “*Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém*” (§ 4) com a seguinte redação:

- (A) Ela é determinada não só pelo fato de que procede de alguém, senão também pelo fato de que se dirige **para** alguém.
- (B) Ela é determinada não pelo fato de que procede de alguém, senão que pelo fato de que se dirige **para** alguém.
- (C) Ela é determinada pelo fato de que procede de alguém e pelo fato de que se dirige **para** alguém.
- (D) Ela é determinada pelo fato de que procede de alguém, tanto quanto pelo fato de que se dirige **para** alguém.
- (E) Ela é determinada quer pelo fato de que procede de alguém, quer pelo fato de que se dirige **para** alguém.

27 No enunciado: “*Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (§ 4), é possível, sem alteração de sentido, substituir o nome “produto” pela seguinte metáfora, já cristalizada na língua:

- (A) fator.
- (B) fonte.
- (C) fruto.
- (D) matriz.
- (E) mola.

28 Na passagem: “em função do ouvinte, ela será mais formal ou mais coloquial, mais cuidada ou mais solta” (§ 2), faz-se no texto alusão a:

- (A) atos de fala.
- (B) funções da linguagem.
- (C) registros da língua padrão.
- (D) variantes regionais da língua.
- (E) variantes socioculturais da língua.

29 Considere-se o período: “Mesmo quando não comentamos o texto com alguém, mesmo quando não escrevemos uma crítica ou resenha sobre ele, nós temos uma participação ativa na interação com a linguagem e com o sentido do texto” (§ 5). Chamando-se, pela ordem, de A, B e C suas orações, seria um grande equívoco afirmar que:

- (A) A e B exercem a mesma função sintática.
- (B) A e B exprimem circunstância de tempo.
- (C) A é subordinada a C e coordenada a B.
- (D) B é coordenada a A e subordinada a C.
- (E) C é oração principal em relação a A e B.

Texto 2

– Por que o senhor está sentado aí tão sozinho? indagou Alice, sem querer iniciar uma discussão. – Ora essa, porque não tem ninguém aqui comigo! – gritou Humpty-Dumpty. – Pensou que eu não saberia responder essa, hein? Pergunte outra.

(CARROLL, Lewis. *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. 2 ed. Rio, Fontana-Summus, 1977, p. 192.)

No hilariante diálogo que trava com Humpty-Dumpty, personagem surrealista do País do Espelho, Alice vê-se inúmeras vezes perplexa diante dos conceitos e da argumentação com que ele agressivamente a enfrenta. Conciliadora, ela procura sempre um novo assunto para reiniciar a conversa, tentando apaziguar o mau humor de seu irascível interlocutor. É difícil: lá vem ele em nova investida verbal, armado de um raciocínio aparentemente invulnerável. Nesta réplica alucinada, todavia, por mais vitorioso que Humpty-Dumpty se considere, quem escorregou na lógica foi ele. Nem podia ser de outro modo, pois sua cabeça (cabeça? ou corpo? Alice não sabe se a faixa que o circunda é uma gravata ou um cinto) funciona, como tudo nesse mundo surreal, por um processo de inversão da realidade.

Preocupada com a situação daquele estranho ser com formato de ovo – sentado sobre um muro do qual poderia a qualquer momento cair, espatifando-se –,

Alice quer saber a *causa* de estar ele ali tão só. Sua dúvida situa-se em *um núcleo* da frase interrogativa, precisamente aquele que corresponderia ao motivo desconhecido, e por isso mesmo questionado: “por quê?”. A resposta a uma interrogação nuclear deve preencher o vazio do mundo interrogante com um conteúdo esclarecedor. Os demais elementos da frase já são do conhecimento de Alice e equivalem a uma asserção: “O senhor está sentado aí tão sozinho”.

Se Humpty-Dumpty não queria responder ao que ela indagava, então dissesse algo como “não me amole”, ou “o problema é meu”. Mas, como ele pretendeu satisfazer a curiosidade da menina, esperava-se um adjunto ou uma oração adverbial de causa, que poderia ser “por preguiça”, “por não ter coisa mais interessante para fazer”, ou ainda “porque este é um bom lugar e porque gosto de estar só”.

A frase marota de Humpty-Dumpty é engraçada porque, em que pese sua aparente lógica, ele não respondeu à pergunta feita. Ignorando o item “estar aí sentado”, que se inclui na dúvida de Alice, pretendeu esclarecer somente a causa de sua solidão. Na verdade, porém, limitou-se a definir o que é *estar sozinho*: é *não ter ninguém consigo*. Sua resposta é parecida com ele e com seu nome: os dois lados de um ovo são praticamente iguais.

Menos que uma definição, suas palavras são uma redundância, uma imagem espelhada de algo que Alice já sabia, visto que acabara de dizê-lo.

O fundamento dessa confusão armada por Humpty-Dumpty é de natureza gramatical – mais especificamente, sintática: ele não utilizou, como deveria, uma oração subordinada causal (o que a menina esperava), mas uma coordenada explicativa, que não esclarecia a dúvida de Alice.

O problema, então, é distinguir a explicativa da causal, quando a conjunção que as encabeça é, fonética e fonologicamente, a mesma: *porque*. De um ponto de vista sintático, porém, não o é. Aliás, “não o são” – no plural, visto que se trata de *duas* conjunções diferentes.

Como distingui-las? Não é simples. Mas esperamos que, ao término das reflexões que vamos desenvolver, isso fique, no mínimo, claro. Ou até fácil. Mário de Andrade não diz que “abasta a gente saber”?

(CARONE. Flávia de Barros. *Coordenação e subordinação, confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988, p. 7-9.)

30 Distinguir as orações coordenadas explicativas das subordinadas causais não é simples, e tem sido objeto de estudos recentes de não poucos estudiosos da língua. “Não é simples” (§ 8), concede a autora, para logo em seguida anunciar que pretende:

- (A) apelar para autoridade no assunto.
- (B) fazer novas concessões.
- (C) justificar a opinião corrente.
- (D) refutar a tese da dificuldade.
- (E) resumir as ideias expostas.

31 “A resposta a uma interrogação nuclear deve preencher o vazio do mundo interrogante com um conteúdo esclarecedor” (§ 2), afirma-se no texto. Dentre as interrogações nucleares a seguir, aquela cujo *núcleo interrogativo* é um pronome encontra-se em:

- (A) É bom que me diga por que brigou com sua mãe.
- (B) Faça o favor de me dizer onde estão seus pais.
- (C) Gostaria de saber como você está se sentindo hoje.
- (D) Ignoro a quem ela está querendo se referir.
- (E) Pergunto-lhe quando me devolverá os livros.

32 Em: “diante dos conceitos e da argumentação COM que ele agressivamente a enfrenta” (§ 1) e em: “Preocupada COM a situação daquele estranho ser com formato de ovo” (§ 2), a preposição em destaque expressa, respectivamente, os seguintes valores relacionais:

- (A) companhia / modo.
- (B) instrumento / causa.
- (C) modo / instrumento.
- (D) oposição / causa.
- (E) oposição / companhia.

33 A opção em que a conjunção COMO tem o mesmo valor sintático-semântico que em: “ele não utilizou, como deveria, uma oração subordinada causal” (§ 6) é:

- (A) Alice com sua história atravessa os tempos, COMO sonhou seu criador.
- (B) Alice, COMO todos os demais personagens de ficção, dialoga também conosco.
- (C) COMO é conciliadora, ela procura sempre um novo assunto para reiniciar a conversa.
- (D) Eis, em suma, o modo COMO Alice se dirige a seu interlocutor.
- (E) Não sabemos COMO Alice conseguia dialogar com o surreal Humpty-Dumpty.

34 Altera-se o sentido de: “A frase marota de Humpty-Dumpty é engraçada porque, em que pese sua aparente lógica, ele não respondeu à pergunta feita” (§ 4), substituindo-se a locução prepositiva “em que pese” por:

- (A) a despeito de.
- (B) apesar de.
- (C) não obstante.
- (D) por força de.
- (E) sem embargo de.

35 O sinal de dois pontos empregado após: “É difícil” (§ 1), “equivalem a uma asserção” (§ 2), “*estar sozinho*” (§ 4), “parecida com ele e com seu nome” (§ 4) e “mais especificamente, sintática” (§ 6) sinaliza, na escrita, uma pausa que anuncia uma:

- (A) citação.
- (B) consequência.
- (C) discriminação ou especificação.
- (D) síntese.
- (E) explicação ou justificativa.

36 A forma verbal cujo morfema que acumula as noções de MODO e TEMPO é **zero** está destacada em:

- (A) aquele que CORRESPONDERIA ao motivo desconhecido (§ 2)
- (B) então DISSESSE algo como “não me amole” (§ 3)
- (C) ESPERAMOS que (...) isso fique, no mínimo, claro (§ 8)
- (D) por mais vitorioso que Humpty-Dumpty se CONSIDERE (§ 1)
- (E) visto que ACABARA de dizê-lo (§ 5)

37 Indica-se corretamente o processo de formação da palavra destacada em:

- (A) mundo INTERROGANTE (§ 2) / derivação imprópria.
- (B) nova INVESTIDA verbal (§ 1) / derivação prefixal.
- (C) personagem SURREALISTA (§ 1) / derivação parassintética.
- (D) pretendeu ESCLARECER (§ 4) / derivação sufixal.
- (E) reiniciar a CONVERSA (§ 1) / derivação regressiva.

Texto 3

ALUNA

Conservo-te o meu sorriso
para, quando me encontrares,
veres que ainda tenho uns ares
de aluna do paraíso...

Leva sempre a minha imagem
a submissa rebeldia
dos que estudam todo o dia
sem chegar à aprendizagem...

– e, de salas interiores,
por altíssimas janelas,
descobrem coisas mais belas,
rindo-se dos professores...

Gastarei meu tempo inteiro
nessa brincadeira triste;
mas na escola não existe
mais do que pena e tinteiro!

E toda a humana docência
para inventar-me um ofício
ou morre sem exercício
ou se perde na experiência...

(MEIRELES, Cecília. *Vaga música*. Rio: Pongetti, 1942, p. 82-83.)

38 A passagem em que, no poema, Cecília recorre ao mesmo tipo de paradoxo por ela explorado em: “mas meu nome, de barca e estrela, / foi “SERENA DESESPERADA” é a seguinte:

- (A) – e, de salas interiores, / por altíssimas janelas.
- (B) descobrem coisas mais belas, / rindo-se dos professores.
- (C) Leva sempre a minha imagem / a submissa rebeldia.
- (D) mas na escola não existe / mais do que pena e tinteiro.
- (E) veres que ainda tenho uns ares / de aluna do paraíso.

39 Dentre os substantivos em destaque, aquele em que o fato linguístico da homonímia gera uma possibilidade de ambiguidade expressiva que não pode passar despercebida na leitura do poema é:

- (A) de ALUNA do paraíso.
- (B) mais do que PENA e tinteiro.
- (C) mas na ESCOLA não existe.
- (D) rindo-se dos PROFESSORES.
- (E) sem chegar à APRENDIZAGEM.

40 As duas estrofes em que se observam no poema apenas rimas ricas, isto é, rimas de palavras de classes distintas, são:

- (A) a primeira e a segunda.
- (B) a primeira e a terceira.
- (C) a quarta e a quinta.
- (D) a segunda e a quinta.
- (E) a terceira e a quarta.

41 Dentre os demais versos do poema, aquele que apresenta a mesma distribuição de ictos – ou seja, de acentos tônicos – que “a submissa rebeldia” é:

- (A) de aluna do paraíso.
- (B) descobrem coisas mais belas.
- (C) mais do que pena e tinteiro.
- (D) ou se perde na experiência.
- (E) para inventar-me um ofício.

42 O verso em que se observa, no esquema rítmico do poema, um ditongo crescente intervocabular é:

- (A) de aluna do paraíso.
- (B) dos que estudam todo o dia.
- (C) mais do que pena e tinteiro.
- (D) mas na escola não existe.
- (E) para, quando me encontrares.

43 “A linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura e o principal instrumento para a sua transmissão.” (Magda Soares)

Sabe-se que, de uma maneira geral, a linguagem utilizada por crianças e jovens das camadas populares se diferencia da linguagem socialmente prestigiada. Durante muito tempo acreditou-se na existência de um ‘déficit linguístico’, que explicaria o fracasso escolar desses alunos. Os estudos da Sociolinguística constituem o principal fundamento da contestação da deficiência cultural e linguística, ao afirmar que as linguagens são:

- (A) comuns a todos os usuários da Língua Portuguesa.
- (B) diferentes, mas não inferiores ou deficientes.
- (C) imperfeitas e incompletas nas classes populares.
- (D) mais ou menos sofisticadas, de acordo com o falante.
- (E) similares e igualmente valorizadas socialmente.

44 A Antropologia já demonstrou que não se pode considerar uma cultura superior ou inferior a outra: cada uma tem a sua integridade própria, o seu próprio sistema de valores e de costumes. Sob esse aspecto, o estudo das línguas de diferentes culturas deixa claro que não há línguas mais complexas ou mais simples, mais lógicas ou menos lógicas, todas elas são:

- (A) adequadas às necessidades e características da cultura a que servem.
- (B) completas, resistentes e impermeáveis culturalmente.
- (C) invariáveis, de acordo com a posição política e geográfica que ocupam.
- (D) manifestações limitadas à comunidade social a que servem.
- (E) significações características de tensões políticas e sociais.

45 A produção e a circulação de textos virtuais trazem grandes desafios para a educação formal das novas gerações. Gêneros de discurso variados e historicamente elaborados convivem com os novos, causando uma polêmica entre estudiosos e usuários da Internet sobre a suposta ameaça de empobrecimento da língua.

Linguistas afirmam que a língua é uma sistematização aberta e que, portanto, os fenômenos que se observam, as novas formas de escrever surgidas com a Internet são:

- (A) equivocadas e prejudiciais à utilização do bom Português.
- (B) inofensivas, se forem reguladas pelos gramáticos e linguistas.
- (C) esperadas e naturais, não configurando transgressões à língua.
- (D) perniciosas para as novas gerações, limitadas em seu vocabulário.

(E) revolucionárias e passageiras, características de uma determinada época.

46 Ao lidar com uma variedade tão grande de possibilidades e informações virtuais, as crianças e jovens entram em contato com novos desafios com os quais vão desenvolvendo novas habilidades na seleção do que lhes é oferecido. No que diz respeito à leitura e à escrita de telas de computador, pode-se afirmar que o modelo que mais se aproxima do nosso próprio esquema mental de pensamento, uma vez que esse não apresenta limites para a atribuição de sentido às palavras, é o de:

- (A) abstração e não formatação.
- (B) cognição e emoção.
- (C) concepção e ideia.
- (D) signifiante e significado.
- (E) simultaneidade e não linearidade.

47 Na Escola Pindorama, uma professora da turma de terceiro ano do Ensino Fundamental pediu que os alunos passassem a falar exatamente como escreviam. Ou seja, ‘vendo’, ao invés de [veno]; ‘coragem’, ao invés de [corage]; ‘tomate’, ao invés de [tumati] etc. As crianças começaram a reclamar, dizendo que estava muito difícil falar daquele jeito.

Dessa maneira, a professora desenvolveu com os alunos a ideia básica de que a língua falada não é mera reprodução da escrita, desse modo não falamos exatamente como escrevemos e vice-versa. A aprendizagem essencial, nesse momento, foi o entendimento de que:

- (A) a escrita é uma representação da fala, que possui regras próprias de realização, que interage com a fala, mas não a reproduz.
- (B) a correspondência entre os sons da fala e a escrita fonética é invariável e envolve conceitos preestabelecidos.
- (C) as diferenças dialetais, de origem social e regional, devem ser superadas por questões éticas e humanitárias.
- (D) as relações arbitrárias e não perfeitas entre sons e letras são comuns e podem confundir os usuários da língua.
- (E) as variações da língua falada têm significados diversos e, às vezes, contrários aos da língua escrita.

48 Numa perspectiva de ensino da Língua Portuguesa baseado em textos, o papel dos dicionários e das gramáticas ganha novas perspectivas. Os dicionários são sempre um apoio fundamental. Os alunos devem aprender a utilizá-los, porque todo cidadão precisa de dicionários. Quanto ao ensino da gramática, é necessário que, em aulas de Português, se desenvolva nos alunos uma capacidade de reflexão sobre os usos da língua.

Nessa visão textual, as gramáticas devem ser consideradas como:

- (A) inadequadas para a utilização no Ensino Fundamental.
- (B) livros de manuseio diário e fonte de exercícios práticos.
- (C) obras de consulta para as dúvidas que o aluno tenha.
- (D) registro dos fatos da língua, de pouca serventia para os usuários.
- (E) repositório de estruturas linguísticas clássicas.

49 É relativamente recente a entrada, tanto no livro didático, quanto na aula de Português, de vários gêneros e de diferentes tipos de texto, o que é necessário, porque as práticas sociais são variadas. É preciso preparar o aluno para as habilidades de leitura e de produção de diversos tipos de textos. Daí a entrada de textos de jornais, textos de revistas, a publicidade, a charge, etc. Mas é preciso pensar no outro lado da questão, pois cabe à escola também suprir aquilo que não circula intensamente na sociedade e que é importante que o indivíduo conheça e, preferencialmente, aprenda a gostar. É o caso:

- (A) das narrativas de cordel.
- (B) das peças teatrais.
- (C) dos poemas de amor.
- (D) dos vídeos educativos.
- (E) dos textos literários.

50 Os computadores, assim como a televisão, não devem ser vistos apenas como mais uma tecnologia na sala de aula. São linguagens diferentes. Dessa maneira, devem ser tratados como linguagens que a escola tem o dever de desenvolver, porque estão presentes na sociedade. São linguagens que o aluno precisa aprender a ler, a compreender, a interpretar. O aluno deve aprender, por exemplo, a ser um leitor crítico da televisão. Da mesma forma que se desenvolvem habilidades para a leitura de textos no papel, é preciso desenvolver habilidades para a leitura do texto na tela. E o texto na tela combina palavras com imagens e sons. É uma leitura complexa que não deve ser passiva.

O computador traz uma forma de leitura muito diferente, um outro tipo de texto, que é chamado de:

- (A) enunciação.
- (B) contexto.
- (C) metatexto.
- (D) hipertexto.
- (E) discurso.

PROVA DISSERTATIVA

Após a leitura dos trechos que seguem, produza um texto dissertativo-argumentativo, conforme a orientação apresentada.

“A BNCC (Base Curricular Comum Curricular) afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades.

Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir.

Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir.”

(Fonte: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao#os-fundamentos-pedagogicos-da-bncc>)

Educadores de Maricá participam de seminário de Educação em Tempo Integral

Repensar a modalidade do ensino oferecido nas escolas foi uma das propostas do 2º Seminário de Educação em Tempo Integral, realizado na manhã desta quinta-feira (...). Miguel Arroyo, foi um dos palestrantes do encontro, direcionado para diretores, orientadores pedagógicos e educacionais das 62 unidades municipais de Maricá. O seminário faz parte do Programa Municipal de Escolas de Tempo Integral (Prometi).

A Secretária de Educação (...) disse: “Nossa missão é humanizar e pensar para além das grades da escola. Temos que nos preocupar com a formação plena dos educandos, sobretudo daqueles que a sociedade trata de maneira tão injusta, respeitando sempre a individualidade de cada um”, ressaltou a secretária.

Para o sociólogo Miguel Arroyo, a função da pedagogia e da educação, desde Sócrates, é acompanhar a formação do ser humano em sua totalidade e garantir aos alunos o direito à humanidade. “Estamos em um momento em que a escola tem que pensar radicalmente sobre que infância e que adolescência estão chegando a ela. Quantas crianças chegam ameaçadas de morte? Com problemas familiares? Vivendo no limite da sobrevivência?”. Para Arroyo, educação integral não significa estender o tempo de permanência do aluno na escola. “A educação deve ser plena, integral e integrada e tem que garantir os direitos dos alunos enquanto sujeitos. Se queremos construir uma educação integral temos que ter como referência a vida integral do aluno como um todo. E isso não se aprende em livros ou nas faculdades e sim no convívio direto com o educando. A educação se faz na interação entre professores e professores, alunos e alunos, e professores e estudantes”, destacou o professor. (...)

A gerente de Educação Integral em Tempo Integral (...) ressaltou que, desde 2009, a prefeitura investe em escola de tempo integral, totalizando, até o momento, em 20 unidades, com a previsão de mais duas escolas da rede municipal ampliarem o atendimento até o fim desse ano. “Estamos caminhando na questão da educação integral e por isso é fundamental a discussão desse tema. Nossa meta é sempre buscar a humanização da escola e uma

integração com a comunidade escolar como um todo. Nosso desafio é descobrir como transformar essa escola de modo a atender o ser humano e as diretrizes curriculares exigidas pelo Ministério da Educação”, disse.

(Fonte: <https://www.marica.rj.gov.br/2018/06/28/educadores-de-marica-participam-de-seminario-de-educacao-em-tempo-integral/>)

Para você, Profissional da Educação, quais as relações entre o trecho da BNCC e a iniciativa da Prefeitura de Maricá, conforme relata a reportagem?

Complemente o seu texto sugerindo outras ações que a Prefeitura de Maricá e a Secretaria Municipal de Educação podem implementar, para a viabilização das propostas do MEC.

- ✓ No desenvolvimento da questão proposta, utilize os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação, além de seu conhecimento sobre a BNCC.
- ✓ Seu texto deve ser escrito seguindo os padrões do tipo dissertativo, e redigido na modalidade padrão da Língua Portuguesa.
- ✓ O texto deve ter entre 25 e 30 linhas.
- ✓ Seu texto não deve conter fragmentos dos textos motivadores.

5

10

15

20

25

30